

# BORGES E “AS PERPLEXIDADES METAFÍSICAS”

*Borges and “the metaphysical perplexities”*

Inês Lacerda Araújo<sup>1</sup>

## Resumo

Certos temas e filósofos prediletos e caros a Borges mostram o que ele mesmo chamou de “perplexidade metafísica”. Eles se distribuem em torno do tempo, do idealismo panteísta e da condição humana. Fazemos neste artigo um recorte através de alguns de seus textos mais significativos, entre eles *Ficções* e *O Aleph*, atendendo uma sugestão do próprio autor, que afirmou estarem estes entre seus melhores escritos. Esta trajetória pretende mostrar que Borges maneja a filosofia como um mestre da prestidigitação.

**Palavras-chave:** Tempo; Irrealidade; Imortalidade; Metafísica.

## Abstract

There are certain themes and philosophers that are favorite and cherished to Borges; they show what he, himself, called “metaphysic perplexities”. They are distributed around time, pantheist idealism and the human condition. We made in this article a clipping of some of his most significant texts, among them *Fictions* and *The Aleph*, following a suggestion from the author himself, who stressed that these texts are among his best writings. This trajectory has the intention of showing that Borges deals with philosophy just as a master of magic.

**Keywords:** Time; No-reality; Immortality; Metaphysics.

---

<sup>1</sup> Professora pesquisadora do programa de Pós-Graduação Metrado em Filosofia da PUCPR, autora de *Introdução à Filosofia da Ciência* e de *Foucault e Crítica do Sujeito* – editados pela Editora da UFPR;: Filosofia da Linguagem, do Signo ao Discurso (Parábola). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Centro de Teologia e Ciências Humanas, Departamento de Filosofia. Rua Imaculada Conceição, 1155 CEP 80215-901 - Curitiba, PR – Brasil. Telefone: (41) 3271-2626 Ramal: 2231. E-mail: ineslara@matrix.com.br

## Introdução

A literatura de Borges não tem simplesmente uma relação com a filosofia, o caso borgiano é, antes, o de um verdadeiro relacionamento com a filosofia, mais de intimidade e familiaridade do que uma relação formal, teórica. Ela faz parte essencial, não só de sua erudição, de seu cosmopolitismo, mas de seu modo de ver, de pensar, de escrever. Explorada por filósofos, áreas do saber filosófico (especialmente a lógica e a metafísica) e temas filosóficos, o mistério do ser, do tempo, do sentido, da linguagem. Mas, ao contrário do objetivo do filósofo que é sistematizar um conjunto de conceitos e idéias, Borges considera a ambigüidade uma riqueza. Quer dizer, o modo como lida com a filosofia não tem um compromisso firmado com a verdade lógica, com a experiência, com a realidade, nem com a construção de um sistema de pensamento. Em outras palavras, ele faz um uso literário, ficcional da filosofia, que resulta não só em uma das melhores literaturas que o século 20 produziu, como rompe com o pensamento estabelecido, ao conduzir a reflexão até o limite da fronteira do próprio pensamento. Para isso, Borges usa a narrativa, a poesia, a ficção, o ensaio. A filosofia, em especial a metafísica, entra em cena através de Heráclito, Zenão, Aristóteles, Berkeley, Kant, Schopenhauer, entre outros.

Para Borges “a literatura é uma forma de alegria. Se lermos algo com dificuldade o autor fracassou” (1979, p. 7). Aconselha um método a seus alunos: “ler pouca bibliografia, que não lessem críticas, que lessem diretamente os livros. Entenderiam pouco, talvez, mas sempre usufruiriam algo e estariam ouvindo a voz de alguém” (1979, p. 9-10).

Borges, além de bibliófilo, foi um apaixonado pela metafísica, pela questão do tempo, da imortalidade, se aborda a realidade é para mostrar que esta compactua com o estranho, o inverossímil, o irreal, o absurdo. Por vezes, o mais próximo e mais óbvio, ao ser perscrutado pela sua visão, torna-se insólito.

A fim de melhor abordar nosso curto percurso em algumas de suas obras, é sempre interessante apontar para certas indicações acerca de sua vida. As influências pessoais, por exemplo. Uma delas foi seu pai, professor, adepto de Willian James. A outra, a biblioteca de seu pai. “Se me pedissem para nomear o acontecimento mais importante de minha vida eu diria a biblioteca de meu pai” (1969a, p. 71). Sua formação anglo-saxã deveu-se ao inglês falado em casa, sua avó paterna era inglesa,

o que contribuiu para sua percepção cosmopolita da cultura, sem abandonar os traços argentinos, latinos.

Borges professou interesse e dedicou sua longa vida às letras, à cátedra, ao ócio, às tranqüilas aventuras do diálogo, à filologia (que, no entanto, ele afirma ignora), como ele diz no prólogo a *O Elogio da Sombra*. E também, não podemos esquecer, dá uma atenção especial às “perplexidades metafísicas”. Esta preocupação se faz notar inclusive em sua obra poética, na qual desejava escrever a poesia essencial – poemas para além do aqui e agora, livres da cor local e das circunstâncias contemporâneas. Em relação à participação política, Borges é um crítico distante. Para o contista argentino, nós vivemos como num grande sonho, a realidade nos choca com sua “irrealidade”. Dentre os temas metafísicos, Borges considera o tempo como o problema fundamental.

### *O tempo*

Em junho de 1978, numa série de cinco aulas na Universidade de Belgrano, pronuncia uma conferência sobre o tempo. Já na introdução de *5 Visões Pessoais* afirma que o tempo é para ele o problema essencial da metafísica, problema insolúvel, complexo e vital. Nele, pouco se avançou desde Heráclito, personagem recorrentemente citado. O que há de intrigante e poético em Heráclito é a sua conhecida afirmação de que não nos podemos banhar duas vezes no mesmo rio, o tempo modifica as coisas, e tampouco nós somos os mesmos.

Para Heráclito o mundo é uma eterna chama de fogo vivo – todas as coisas são Um, e a unidade é a tensão dos opostos. Entre os opostos há uma harmonia oculta. O fogo nos faz entender a unidade na diversidade, a harmonia nos contrários. A realidade é mutável e seu famoso fragmento Heráclito nos ensina: “Tu não podes descer duas vezes o mesmo rio, porque novas águas correm sempre sobre ti”.

Estão aí duas noções caras a Borges: a realidade do tempo que flui e a palidez fugaz do momento. No poema *Heráclito (Nova Antologia Pessoa)* isso fica evidente. Escreve ele: “Que trama será esta do ser, do é e do foi?”. E mais adiante: “De matéria corrosível fui feito, de misterioso tempo. Talvez o manancial esteja em mim” (1969b, p. 54).

Percebemos que somos nós a fonte do tempo, pois que nele, através dele seguimos, e também ele passa em nós. “Talvez de minha

sombra, fatais e ilusórios, surjam os dias” (1969b, p. 54), lemos no poema *Heráclito*.

O passado se faz presente em nossa memória. No poema *Cambridge*: “Somos nossa memória, somos esse químico museu de formas inconstantes, este montão de espelhos rotos” (1969b, p. 33).

Esse tempo é o instante em *Everness*: “Já tudo está [...] / E tudo é uma parte do diverso cristal / dessa memória, o universo; / não têm fim seus árduos corredores / e as portas se fecham à tua passagem” (1969b, p. 47).

O tempo é eterno e mnemônico, em *Ewigkeit* diz: “Sei que uma coisa não há: é o esquecimento; sei que na eternidade perdura e arde / o muito e o precioso que perdi: /essa frágua, essa lua e essa tarde” (1969b, p. 48).

Finalmente, nós somos o tempo. Em *Adroguê* ouvimos o lamento do poeta: “e não compreendo como o tempo passa, / eu, que sou tempo e sangue e agonia” (1969b, p. 43).

Impressionam-no as figuras de Zenão, Plotino e Santo Agostinho, principalmente. A obsessão pelos paradoxos de Zenão de Eléia se faz presente em várias passagens de sua obra. Por causar perplexidade, este mito é considerado por ele como uma jóia filosófica.

Aquiles não vence a tartaruga se o espaço for concebido como contíguo. Sabemos que o movimento é indivisível, que ele tem uma duração no tempo e realiza-se concretamente num dado espaço. Somente o espaço se presta a um modo de composição e de decomposição, é infinitamente divisível, porém não o tempo, afirma Borges. Os paradoxos são refutáveis se pensarmos num tempo e num espaço reais, divisíveis. Outro modo de refutá-los, é pensar que o mundo seja obra de nossa imaginação, e tudo o que existe não passam de percepções, sensações. Com frequência Borges menciona Berkeley e joga com a possibilidade de um idealismo em nossa lida com as coisas. A própria unidade do tempo é contestável – podemos pensar em séries infinitas ao contrário do tempo absoluto tal qual imaginava Newton. Em *Discussão* incitamos: “Admitamos o que todos os idealistas admitem: o caráter alucinatório do mundo. Façamos o que nenhum idealista fez: busquemos irrealidades que confirmem esse caráter. E as encontramos, creio, nas antinomias de Kant e na dialética de Zenão” (1986a, p. 102). Toda a lógica que gira em torno do tempo e do espaço não evita que nessa arquitetura haja brechas para a sem-razão.

Como vimos, Borges concorda com Heráclito, dizendo não haver o puro presente. Somos algo que muda e que permanece: “algo essencialmente misterioso” (1979, p. 48) e mais: “estamos permanentemente nascendo e morrendo. Por isso o problema do tempo nos afeta mais que os outros problemas metafísicos. Porque os outros são abstratos. O do tempo é o nosso problema. Quem sou eu? Quem é cada um de nós? Quem somos nós? Talvez o saibamos algum dia. Talvez não. Neste meio tempo, entretanto, como dizia Santo Agostinho, ‘minha alma arde porque quero saber’” (1979, p. 49).

Para Platão, a eternidade são todos os tempos: passados, presentes e futuros. O tempo e sua medida são dados pela eternidade; o tempo nos permite viver de modo sucessivo, por isso o ser nunca nos é dado de todo. De Plotino recolhe a noção de que há três tempos, um é o presente atual, o momento em que falo. Quer dizer, o momento em que falei, porque esse momento já pertence ao passado. A seguir, há o outro, que é o presente passado e que se chama memória. E, o outro, presente do futuro, que vem a ser aquilo imaginado pela nossa esperança ou por nosso medo” (1979, p. 43). Evoca Sto. Agostinho, para quem o verdadeiro tempo é o presente, um caminho do ser para o não ser, uma vez que o passado já não é mais, e o futuro ainda não é. Porém o presente é como o ponto finito da geometria. Em si, ele não existe, não é um dado imediato da nossa consciência. “O presente está gradativamente tornando-se passado, transformando-se em futuro” (1979, p. 45). A fugacidade do presente é um tema caro a Borges, como um rio, tanto ele pode vir do passado, como pode fluir de uma fonte adiante de nós.

Num conto belo e intrigante, um dos mais aclamados, intitulado *O Jardim dos Caminhos que se Bifurcam*, o tema do tempo vem associado ao tema do labirinto. O narrador, o chinês Yu Tsun, conta um acontecimento que está escrito em um livro de história da 1ª Guerra. Um espião em fuga precisa chegar à casa de S. Albert, e passar-lhe uma informação. Toma um trem, consegue fugir de seu perseguidor, e o caminho que deve ser tomado ao desembarcar, é o que se bifurca à esquerda, e assim sucessivamente, o que lhe lembra que este é o meio de atingir o pátio central de certos labirintos.

Seu pai entendia de labirintos e seu projeto fora escrever um romance e construir um labirinto em que todos os homens se perdessem; tentou-o durante 13 anos, quando foi assassinado. Esse labirinto ele o imaginou inviolado e perfeito no cume secreto de uma montanha,

imaginei-o disfarçado por arrozais, ou debaixo d'água, imaginei-o infinito, não já de quiosques oitavados e de caminhos que voltam, mas sim de rios e províncias e reinos... Pensei num labirinto de labirintos, num sinuoso labirinto crescente que abarcasse o passado e o futuro e que envolvesse, de algum modo, os astros (1986b, p.75-76).

Na casa em que chega, a música, para seu espanto, era diversa. Quem aparece é o sinólogo S. Albert que lhe pergunta em chinês se quer ver o jardim de caminhos que se bifurcam. Referia-se ao jardim de seu pai, Ts'ui Pen. O sinólogo decifrara o livro e o labirinto, na verdade eles eram um só. O labirinto não era espacial, e sim, temporal, daí ser infinito. Mas como um livro pode ser infinito? É que no romance os caminhos se bifurcam em vários futuros. "Em todas as ficções, cada vez que um homem se defronta com diversas alternativas, opta por uma delas e elimina todas as outras; na do quase inextricável Ts'ui Pen, opta – simultaneamente – por todas. Cria assim, diversos futuros, diversos tempos, que também proliferam e esse bifurcam" (1986b, p. 79).

Aí está o tema central de Borges – o tempo labiríntico, infinito. As opções, as decisões, nossa vontade, é que criam as possibilidades e os futuros. Vários finais são possíveis: se alguém percorre um caminho, obtém um resultado. Outro caminho, outro resultado, como no jogo de xadrez, cada peça movida muda o futuro. Num futuro alguém pode ser seu amigo, ou seu inimigo. Desaparece deste mundo irreal a ordem causal, linear, a própria sucessão temporal desaparece e surge como simultaneidade. O problema principal e que merece aparecer explicitado, a charada, é o tempo.

Que tempo é este? Não o tempo absoluto e uniforme de Newton e Schopenhauer, mas um tempo serial, com convergências, divergências, paralelismos. "Essa trama de tempos que se aproximam, se bifurcam, se cortam ou que secularmente se ignoram, abrange todas as possibilidades" (1986b, p. 82).

Ora, num destes tempos, o próprio sinólogo pode ser o inimigo. De fato, ele mata o espião, mas nesse momento seu perseguidor, que embarcara também no mesmo trem (outra possibilidade) chega e o prende.

A realidade é, para Borges, incalculável e enigmática. O homem vive no tempo, na sucessão, já o animal vive na atualidade, na eternidade do instante. É que o homem possui um eu, tem memória do passado e gostaria de poder prever o futuro, ou melhor, possuir o tempo.

Dentro de seu idealismo, crê "que o espaço não é mais que uma das formas que integram a carregada fluência do tempo. É um dos episódios do tempo..." (1986a, p. 12). Mais adiante diz que nós podemos até mesmo sentir e ouvir, independentemente do espaço.

Imaginemos que todo o gênero humano se abastecesse de realidades mediante a audição e o olfato. Imaginemos anuladas, assim, as percepções oculares, tácteis e gustativas, assim como os espaços que elas definem. Imaginemos também (escala lógica) uma percepção mais refinada do que aquelas que registram os sentidos restantes. A humanidade – tão afantasmada, ao nosso ver, por esta catástrofe – seguiria urdindo sua história. A humanidade se esqueceria de que já existiu espaço. A vida, dentro de sua não gravosa cegueira e de sua imaterialidade, seria tão apaixonada e precisa como a nossa (1986a, p. 13-14).

É possível imaginar uma humanidade fora do espaço se ela apenas alimentasse a realidade pela música (audição) e odores (olfato).

O universo é infinito, existe desde sempre. Borges insiste, em *A Torre de Babel*, que o universo se compara a uma biblioteca infinita, hexagonal e indecifrável. Alguns gênios procuram uniformidade na biblioteca, seus espaços, pontos e caracteres que se refletem e produzem todos os livros possíveis. Vemos aí a procura metafísica pela totalidade, pela essência por detrás das aparências; todas as combinações estariam registradas. O que no fundo não passaria de uma forma de consolar os homens. Para aqueles gênios, "não havia problema pessoal ou mundial cuja eloqüente solução não existisse: nalgum hexágono (da biblioteca). O universo estava justificado" (1986b, p. 65). Percorrendo essa biblioteca, há os críticos, os lunáticos, os videntes, mas haveria o livro que dissesse tudo? Talvez o livro das religiões?

Há também outro tipo de pessoas, aquelas que querem eliminar as obras inúteis (sobre nazismo, fascismo), censurar as que não prestam. Mas Borges afirma a singularidade de cada obra e a redução é impossível, pois é imensa e variada a biblioteca.

Uma outra procura seria pelo livro que fosse o compêndio perfeito de todos os outros (Deus), mas ninguém o encontra. Não há tal livro total. Porém a biblioteca contém todos os livros e todas as possibilidades com apenas uns poucos caracteres. Essa biblioteca é "infinita e periódica. Se um eterno viajor a atravessasse em qualquer direção, comprovaria ao fim dos séculos que os mesmos volumes se repetem na mesma desordem" (1986b, p. 69-70).

Temos aqui a imagem do universo infinito, eterno, mas sem um Deus criador. Universo aberto de realidades e seres múltiplos. E isso denota um certo pessimismo, essa biblioteca revela-se, afinal, inútil.

Outro tema filosófico é o do conhecimento da realidade, ao qual se reporta o tema da linguagem. Nessas áreas Borges professa um panteísmo e um monismo idealista.

### *A abordagem da realidade*

O mundo todo pode estar contido numa só palavra, pois os fatos são infinitamente concatenados. A grande metáfora do labirinto mostra que somos todos enredados por uma única coisa que nos desafia, somos todos presa de uma só armadilha, cujo desvendamento pode estar numa só palavra, aquela que diz tudo. Deus escreveu uma só palavra que é tudo que existe. Tudo está em tudo, tudo é um único nó. Deus e mundo são um só (panteísmo). Borges quer decifrar o indecifrável labirinto e percebe que no mundo tudo está implicado, formando uma só rede.

Considerarei que mesmo nas linguagens humanas não há proposição que não implique o universo inteiro; dizer o tigre é dizer os tigres que o engendraram, os cervos e tartarugas que devorou, o pasto de que se alimentaram os cervos, a terra que foi a mão do pasto, o céu que deu luz à terra. Considerarei que na linguagem de um deus toda palavra enunciaria essa infinita concatenação dos fatos, e não de um modo implícito, mas explícito, e não de um modo progressivo, mas imediato (1969b, p. 221-222).

A lei deste mundo é o acaso, o mundo não é senão um jogo infinito de acasos, como Borges expõe em *A Loteria em Babilônia*. Qualquer caminho que se tome não abole o acaso, mas o impõe. Eis aí a perplexidade metafísica. A própria morte é um encontro casual, como no belíssimo conto *O Sul*.

Acompanham Borges nessa sua visão de realidade dois filósofos: Spinoza, sobre o qual faremos breve menção, e, principalmente, Schopenhauer, que veremos adiante.

Spinoza pertence ao século 17. Sofreu influência da cabala e da filosofia judia medieval, da escolástica cristã, das tendências platônicas do Renascimento e das novas ciências, incluindo Descartes. A unidade



do conjunto do cosmo se obtém pela procura do bem supremo que é o conhecimento de Deus. Porém, não pela via mística e sim pela racionalidade, num método geométrico: para conhecer o objeto deve-se representá-lo geometricamente. O que supõe que a ordem do conhecer é igual à ordem das coisas. Conhecer é contemplar as idéias simples e ver através delas o contingente, o particular. O contingente se atinge pelo eterno.

A chave para a compreensão de tudo é Deus, substância infinita que se concebe em si e por si mesmo; é *causa sui*, e dele todos os atributos dependem. Ele é tudo o que existe, extensão e pensamento são seus atributos.

Deixou expressa sua admiração por Spinoza num poema cujo título leva seu nome e assim termina:

"Livre da metáfora e do mito/ lavra em árduo cristal: o infinito mapa/ Daquele que é todas suas estrelas" (1969b, p. 35).

Esse "numeroso Deus" da doutrina panteísta, cria, planeja, representa e contempla para se "distrair" em seu modo de ser, a eternidade. Tudo está em tudo: por detrás de um gesto há os infinitos gestos de séries infinitas de causa e efeito.

Borges estende seu monismo à literatura, afirmando que a pluralidade dos autores é ilusória. No ensaio *A esfera de Pascal*, propõe uma concepção do universo como sendo todo ele centro, que esse centro está em todas as partes, mas sua circunferência não é localizável em parte alguma. Essa cosmologia pode ser encontrada em Xenófanes, Em-pédocles, Hermes Trimejisto, Dante e G. Bruno.

No século 17 os homens se sentiam como que perdidos no tempo e no espaço. No tempo porque "se o futuro e o passado forem infinitos, não haverá realmente um quando; no espaço, porque se todo o ser equidistar do infinito e do infinitesimal, também não haverá onde" (1969b, p. 105). Vemos que essa admiração pelo panteísmo é mais um motivo para Borges problematizar o tempo.

Também Pascal sentiu-se perdido nesse universo concebido como esfera infinita, cujo centro está em todas as partes e a circunferência em nenhuma. Estas recorrências fazem Borges pensar que talvez a história não passe de um cantochão de algumas metáforas. Seu modo de pensar e refletir não se atém a nossa época, suas intuições e elucubrações mostram um autor cujo pensamento não recorre à história evolucionária. Seu universo é antes metafísico, fabuloso, místico. Quando fala

em Deus não se trata de alguma divindade específica de alguma religião – o Deus borgiano não é a causa primeira de uma história evolutiva e cronológica; esta não passa para ele, por sua vez, de uma grande metáfora, um grande livro onde se lêem inscrições, traços, caracteres significantes de uma eterna repetição ou eterno retorno nietzschiano.

Como o tempo é a labiríntica eternidade que flui, a própria literatura compõe um só e único livro. Borges cita Paul Valéry em *A Flor de Cambridge* (1969b, p.171), para o qual “a História da Literatura não deveria ser a história dos autores e dos acidentes de sua carreira, ou da carreira de suas obras, mas a História do Espírito como produtor ou consumidor da Literatura”. Mais adiante escreve: “Durante muitos anos, achei que a quase infinita literatura estava num homem só. Esse homem foi Carlyle, foi Johanes Becher, foi Whitman, foi Rafael Cansinos Asséns, foi De Quincey” (1969b, p. 174). Para um monista, a pluralidade de autores é ilusória.

Em *A Aproximação a Almotásim*, parte de alguns livros desenterrados do fundo de sua biblioteca, ora real, ora imaginária. O livro tem o mesmo título do conto. Trata-se de um romance policial de um escritor de Bombaim. Dito romance obteve sucesso enorme. Nele se lê que um estudante resolve procurar, em meio à infâmia do mundo, o responsável pela claridade que um vislumbrou na cloaca em que vivia. Resolve dedicar sua vida a encontrar o homem que é igual a essa claridade. Quanto maior é a aproximação a Almotásim, tanto maior é o brilho dos gestos, dos sorrisos, das palavras. O mais próximo dele é um livreiro, homem santo, quando finalmente O encontra, o enigma se resolve com o fim do romance.

O livro pode ter várias versões. Em cada uma Almotásim tem traços diferentes, não é um Deus unitário, cada pessoa pode entendê-lo segundo sua perspectiva pessoal. Borges conjectura se Deus não estaria também à procura de Alguém e se esse Alguém de alguém superior e, assim, ciclicamente. Tudo retorna, tudo volta, Deus é em tudo. Para o monismo de Borges o mundo assemelha-se a um grande livro escrito em diversas e em diferentes visões.

Em *Pierre-Menard, autor de Quixote*, Borges chega a supor uma personagem que almeja escrever o próprio D. Quixote e seu primeiro método foi passar por todas as experiências de Cervantes. Borges nos conduz ao inverossímil com suas idéias de que todos os livros têm um só autor (seu monismo literário), e sua bibliofilia. Menard abandona o pri-

meio método e adota outro, ele seria desta vez o próprio P. Menard, e escreveria um Quixote fragmentário e mais sutil que o do próprio Cervantes; o resultado é uma obra literal e denotativamente idêntica, mas que proporciona leitura diversa, com diversas conotações.

A conclusão é que Pierre-Menard dedicou-se ao livro inutilmente, gastando "escrúpulos" e "vigílias" para repetir num idioma alheio um livro já existente. O pessimismo borgiano se faz notar nas tarefas que se repetem, nas buscas através de séries infinitas que não se encontram jamais, nos eternos retornos, no corte da realidade cotidiana para a eternidade, na percepção da inércia das coisas. Não será vã a busca de nossa identidade, não serei eu, como diz Schopenhauer os outros e qualquer homem, não será todos os homens?

## *O outro*

É-nos difícil pensar o outro, pois normalmente tendemos a ver o outro como estranho, a razão é que partimos de nossa própria perspectiva, de nossa mesmice cultural, branca, civilizada. Borges faz todo um exercício intelectual e estético para conseguir pensar o outro, e a tática é espantar-se consigo mesmo, estranhar o cotidiano, a realidade.

Inclusive em suas narrações que abordam casos e situações corriqueiras, "reais" (Borges diz que alguns de seus contos são realistas, no prefácio a *O Informe de Brodie*), seus temas e personagens se revestem, ao longo da narração, de características que transcendem o local, o óbvio, o esperado.

Essa faceta borgiana por vezes é interpretada como absentéismo político. Essa leitura da obra de Borges ganhou força na década de 60. Mais recentemente, a transcendência do real para o irreal, que incomodava os "intelectuais engajados", pode ser vista como uma provocação para que o pensamento assentado produza inquietação, incomode, desperte para o inusitado. O que certamente não se obtém através de uma concepção considerada como de engajamento político, de visão histórico-dialética. Uma história sem evolução, sem vir-a-ser, sem superação, tem outro tipo de conotação política, outra concepção crítica, pois não precisa de um sujeito fundador para constituir ou refazer o fio da trama histórica. Borges não busca causas, nem categorias, nem princípios da razão. Tudo está aí, dado desde sempre, para cada acontecimento

o referencial passa a ser a não-referência a uma causalidade *hic et nunc*. Seus personagens não exigem referenciais específicos. Borges confronta a história evolutiva, ocidental, com suas determinações no tempo e no espaço, com uma outra mais essencial, a “história” do Outro. Nesta não há um absoluto como meta final, nem revoluções salvíficas, nem uma origem a ser resgatada. Numa passagem diz que seus contos, como os das *Mil e Uma Noites*, pretendem distrair ou comover, mas não convencer ou persuadir.

O que não deve ser interpretado como uma fuga estética, mesmo porque Borges não é filósofo e nem político. Sua literatura é a de alguém cujo olhar é cético e de certo modo pessimista, mas que numa outra perspectiva, pode ser interpretado como alguém que vê em tudo uma vontade mais essencial, um jogo do acaso, um encontro com certo destino. O homem não é o lobo do homem, em termos sociais e políticos. Diz ele em *O Jardim de Caminhos que se Bifurcam*: “Um homem pode ser inimigo de outro homem (moralmente), em outros momentos de outros homens, mas não de um país: não de vaga-lumes, palavras, jardins, cursos d’água, poentes” (1986b, p 76).

Num certo sentido o que propõe é que se consiga ver por si mesmo, enxergar no fundo o que nos faz ser da maneira como somos. No irreal, no fantástico está um espelho invertido de nossa absurda situação. Como num labirinto, as coisas voltam eternamente. Cada situação real deve ser vista por este ângulo, o do estranhamento, o do inconsciente, o do inatural.

Interpreta-se Borges banalmente como estando fora do seu tempo, refugiando-se no transcendente. Mas não se trata disso, para ele o tempo flui, o presente é o instante catalisador, não existe enquanto tal. Não se trata de fazer a história do mesmo, do que é em si, mas do que surge e se desdobra com máscaras diferentes em épocas diferentes. Sua metafísica não tem um referencial absoluto, pois tudo está em tudo, mas ao mesmo tempo é preciso estar aberto para o inusitado. Em *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*, um de seus contos mais marcantes, há indicações precisas de seu modo de pensar o outro, o inverossímil. Em uma conversa com Bioy Casares sobre a construção de um romance, pleno de contradições, ambos se deparam com um espelho no fundo do corredor, quando então Casares lembra que os espelhos e a cópula têm algo de monstruoso porque multiplicam os seres, frase atribuída a um heresiarca de Uqbar, uma terra estranha, cuja suposta existência é relatada numa

enciclopédia, no volume 47, de uma determinada edição. A descrição desse até então ignorado país extrapola tudo o que conhecemos habitualmente como cultura. Trata-se de um país com fronteiras nebulosas, com literatura fantástica. O relato se torna mais completo quando eles obtêm a história completa desse país, num total de 1001 páginas.

Aquele mundo mais parece obra de uma sociedade secreta, seu cosmo tem leis formuladas, há todo um conceito de universo – nele as noções são idealistas: “sua linguagem e a derivação de sua linguagem – a religião, as letras, a metafísica – pressupõem o idealismo” (1986b, p. 7). Seu mundo é sucessivo, temporal, não espacial, não possui a categoria gramatical dos substantivos, há verbos para poder nomear, e o que se nomeia são relações. No outro hemisfério, a linguagem depende de adjetivos e o fato é “fortuito”, os objetos são compostos de características auditivas e visuais simultâneas. Os paradoxos referem-se à causalidade linear, nesse mundo ela é inconcebível. Metafísica e estética se conjugam na visão borgiana, a metafísica da razão se põe ao serviço da metafísica da imaginação. Seria o mundo de Spinoza, com Deus e seus atributos – extensão e pensamento – sem a extensão... Nesse mundo de seres ideais, estes são convocados conforme as necessidades políticas. Como não poderia deixar de ser, a disciplina principal em Tlön, é a psicologia.

Tudo isso contrasta com a nossa mundividência, com a nossa cultura, o pensamento se desestabiliza ao pensar esse país estranho. Tal exercício de estranhamento, que retira de circuito tudo o que é local e imediato, é metafísico no sentido crítico e específico do termo: pensar os limites do pensamento, com o próprio pensamento. Aliás, o termo exato para classificá-lo talvez não seja metafísico, mas mágico. Rompe com o sentido habitual e corrente do mundo através da linguagem literária. O que provavelmente é mero pretexto para mostrar obliquamente nosso próprio absurdo. Nesse sentido não há porque taxar Borges de a-político e absenteísta. Seu agudo ceticismo quanto a verdades já atestadas, sugere outro tipo de proposta, pela qual o pensamento do Outro, do Estranho e do Inconsciente, permite que nos enxerguemos em nossos limites, ao romper com a ordem lógica linear, com o já estabelecido. Acerca do tempo, afirmam que “o presente é indefinido, o futuro não tem realidade senão como esperança presente, o passado não tem realidade senão como lembrança presente” (1986b, p. 9). Outros dizem que todo tempo já passou, há os que afirmam ser verdade o que sucede a cada 300 noites.

Como no conto acima não há noção de causalidade, causas e efeitos subseqüentes são impensáveis. O simples nomear já implica em falseamento. Mas por incrível que pareça, há ciências e raciocínios incontáveis em Tlön. Os filósofos não buscam a realidade ou verossimilhança – são filósofos do jogo dialético do “como se” que buscam o assombro, “julgam que a metafísica é um ramo da literatura fantástica” (1986b, p. 9). Não há a categoria “ser”. Moedas perdidas não podem ser reencontradas, não há extensão do ser, apenas pensamento.

A solução para encontrar as moedas é idealista, semelhante à de Schopenhauer, como podemos notar, seu filósofo predileto. O que é perfeitamente compreensível pelo realce dado por Schopenhauer à intuição e sua contraposição a Hegel. O mundo tal como é dado é somente representação, os objetos do conhecimento não têm uma realidade subsistente, em si. Eles resultam das condições de sua possibilidade, em especial da causalidade que relaciona as impressões sensíveis, encadeia os juízos e se faz presente nas intuições puras do tempo e do espaço, bem como nas motivações individuais. A vontade é a única verdade, é a coisa-em-si. Por trás das representações há a intuição do sujeito que se reconhece como vontade, as coisas são objetivações do sujeito. O artista intui pela vontade o mundo, e assim chega às formas ideais. Daí uma moral do pessimismo nesse mundo de objetos cujas formas são o tempo e o espaço. Nele o sujeito existe indivisivelmente em todo ser que percebe. Basta um único sujeito para representar o mundo e se esse sujeito desaparece, o mundo desaparece com ele. A vontade comanda tudo, até na folha que cai, há tendência, portanto, há vontade. Todas as tendências do mundo manifestam a vontade superior, divina. Essa concepção de Schopenhauer do mundo como vontade, serve a Borges para explicar que a lógica da continuidade, da causalidade e da permanência na identidade, não é a lógica de Tlön, se nove moedas foram perdidas, porque não admitir, pela lei da identidade que o materialismo propõe, que fossem uma só?

O idealismo de Tlön chega a modificar a própria realidade (o que não vemos ser dito por nenhum filósofo, por mais idealista que seja). Os objetos irrealis, desde que buscados pela vontade acabam por existir. Basta imaginar os objetos que se procura, que a vontade acaba por produzi-los. Desaparecem os objetos quando cessa a lembrança que os produziu. De fato, alguém encontra um insólito objeto, minúsculo, mas pesadíssimo. De modo que o mundo fantástico, fascinante acabou

por acontecer, invadindo o mundo real. Como, afinal, surgira Tlön? Houve uma seita cujos membros e discípulos resolveram escrever um livro sobre um planeta, em segredo. Assim também a criação literária borgiana. O mundo borgiano é como uma imensa biblioteca, os livros vivem somente na mente de seus autores. Fechados são como túmulos. Lidos, abrem universos.

Aos homens encantam mundos ordenados. Tudo é obra humana, inclusive as leis divinas que regem o mundo são obra de nós, homens. Schopenhauer teria razão: "o mundo é uma fábrica de vontade" e "nós (a individuada divindade que pensa em nós) sonhamos o mundo. E o temos sonhado resistente, misterioso, visível, ubíquo no espaço e firme no tempo; porém aceitamos em sua arquitetura tênues e eternos interstícios de sem-razão para saber que é falso" (1986a, p. 102).

Aí está o Schopenhauer que habita Borges: a aproximação à realidade nos mostra que esta é uma elaboração de nossa vontade.

## *A imortalidade*

*Este não é o problema maior da filosofia. Seus maiores problemas são o tempo, o conhecimento, o mundo exterior, diz Borges no início de seu ensaio sobre a imortalidade. É uma questão mais ética ou religiosa que filosófica.*

Para ele o problema da imortalidade ultrapassa a simples imortalidade pessoal – a idéia de continuar sendo repugna Borges: "eu não quero continuar sendo Jorge Luiz Borges, quero ser outra pessoa. Espero que minha morte seja total, espero morrer no corpo e na alma", diz ele em *5 Visões Pessoais* (1979, p. 13).

Mais poético do que continuar sendo o que somos é a solução da transmigração das almas. Pitágoras e Platão nela acreditavam. Serve para explicar sucessos e insucessos – afirma Borges. Esta vida serve para sermos recompensados ou punidos pelo que já fomos. O problema desta doutrina é que cada vida depende de uma vida anterior, e assim, infinitamente. E se o número de vidas é infinito, não pode chegar até o presente, pois o infinito está sempre infinitamente recuado. Observa que "se um tempo é infinito, esse infinito tem que abranger todos os presentes e, em todos os presentes, porque não este presente...? Se o tempo é infinito, em qualquer instante estamos no centro do tempo" (1979, p. 17).

O passado passa pelo presente, a ordem pode ser infinita, e sendo tempo e espaço infinitos, em qualquer momento estamos no seu centro. Para os budistas o número de vidas é infinito; a alma imortal passa de um corpo a outro.

Sócrates também pensa que irá morrer pessoalmente. E Lucrécio nega igualmente a imortalidade pessoal argumentando que se perdermos o infinito passado, que importa perder o infinito futuro? O panteísmo de Borges o impede de crer numa imortalidade pessoal. Para Schopenhauer, que Borges afirma textualmente ser autoridade máxima no assunto, a transmigração das almas não passa de uma interpretação popular da vontade de viver. A vontade também é o que nos faz projetar a imortalidade, viver através da matéria ou mesmo apesar da matéria. Essa força é o que Schopenhauer chama de *Wille* (vontade), que concebe o mundo como desejo de ressurreição. Também Bergson é lembrado por Borges por sua idéia do élan vital, ímpeto que cria o universo e está em cada um de nós também. A imortalidade é, portanto, para Borges, um desejo, mas que ultrapassa o desejo de um eu.

Abordaremos o tema da imortalidade como o conto *O Imortal*, um dos mais instigantes e que melhor ilustram o que ele chamou de “perplexidade metafísica”.

A história parte de um manuscrito supostamente encontrado em 1929 em um antiquário, dentro de um velho exemplar da *Ilíada* de Pope. O narrador – um miliciano da era do Imperador Diocleciano – conta na primeira pessoa como chegou a descobrir a Cidade dos Imortais, e os caminhos que percorreu nessa busca.

A notícia dela chegou-lhe através de um soldado que, prestes a morrer, diz que andara em busca do Rio da Imortalidade. O miliciano decide recrutar soldados e mercenários, e sai em sua busca. Porém os percalços do caminho levam estes à deserção ou à morte. Após dias andando só, tem uma noite de pesadelo, acorda com sede, bebe de um arroio no estranho país dos trogloditas. Foge deles, alguns o seguem. Em busca da Cidade dos Imortais, vê-se diante de uma cidade, com poços, porões que se bifurcam, cavernas, galerias, labirintos, silenciosa, hostil, cujo fundamento era uma mureta de pedra. Encontra a entrada para uma construção muito antiga, percorrendo seus pavimentos e escadas, pareceu-lhe uma cidade construída por deuses, por imortais, que já teriam morrido fazia muito tempo. Sua complexidade insensata o fez pensar que os construtores eram loucos. “Eu havia cruzado um labirinto, mas a



nítida Cidade dos Imortais me atemorizou e repugnou. Um labirinto é uma casa edificada para confundir os homens; sua arquitetura, pródiga em simetrias, está subordinada a esse fim. No palácio que imperfeitamente explorei, a arquitetura carecia de fim” (2001, p. 23), a ponto de ele observar que essa cidade poderia até mesmo “comprometer os astros”.

Quando sai da “nefanda” cidade, percebe que aquele que o acompanhara estava ainda como que aguardando, riscando na areia signos que não formavam uma linguagem conexa.

O Outro, o diferente é tema que aqui reaparece. O troglodita recordou-lhe o cão da Odisséia. Suas percepções talvez construíssem a realidade de outra maneira, ou talvez sua realidade fosse sem tempo, sua linguagem sem substantivo. Com muito custo consegue arrancar do troglodita sua língua. Era a língua grega, inventada por ele há mil e cem anos. Só então o miliciano se dá conta que se trata da cidade que vinha procurando, o sem sentido dela era decorrente de os homens saberem que não morreriam. Os trogloditas eram os imortais. O que faz Borges refletir: “facilmente aceitamos a realidade, talvez porque inferimos que nada é real” (2001, p. 26). A cidade foi a última coisa que os imortais fizeram. Depois resolveram viver no pensamento, na especulação. Certo dia choveu, raro acontecimento, e por ser raro os tira da indiferença.

Ser imortal nada tem de glorioso, é o que ele deduz, não há motivos para ser piedoso, nada lhes é precioso. Para o tema da imortalidade converge também a idéia de todos serem nada, na roda infinita dos prêmios e castigos. A própria imortalidade pessoal parece uma condenação. Se ao homem acontecem todas as coisas num prazo infinito, todos os nossos atos são justos, mas também indiferentes sob a perspectiva da imortalidade pessoal. O resultado é uma ética onde não há méritos morais ou intelectuais, pessimista, quase indiferente, cética por vezes. Os imortais do conto não conhecem o vício ou a virtude, seu destino lhes é indiferente. Não se trata, porém, de ascetismo, pois tinham um prazer na total absorção pelo pensamento.

Enquanto a imortalidade é a eterna repetição de espelhos que se multiplicam, a mortalidade “torna os homens preciosos e patéticos”, fantasmas cujo ato pode ser o último. O narrador parte em busca do rio cujas águas lhe devolveriam a preciosa mortalidade. Assim como houve um rio que a provocou, outro poderia destruí-la. Ele a encontra séculos mais tarde. Da imortalidade sobraram apenas “palavras, palavras deslocadas e mutiladas, palavras de ou-

tros, foi a pobre esmola que lhes deixaram os anos e os séculos” (2001, p. 33).

A imortalidade, no entanto, é desejada pelos homens e há alguns que tentaram obtê-la, como o imperador chinês que construiu a grande muralha e mandou que queimassem todos os livros. Aboliu o passado e fechou o império supondo que isso o tornaria incorruptível. A busca pela imortalidade vem da vontade de persistir no seu ser, mas para Borges, como todos são um depois que morreram, isto toma nele outro sentido – o do eterno retorno.

## Conclusão

*Os temas metafísicos da temporalidade, da móvel e complexa realidade, do Outro, e da imortalidade, soam algo estranho para um filósofo que hoje trate da metafísica, isto é, que busque uma resposta para perguntas de tipo por que vivemos? Para quê vivemos? Qual a causa de tudo o que é? Pensemos que se deve compreender a metafísica em Borges sob a perspectiva estética. Não há compromisso com a realidade histórica, cotidiana, ordinária, mas uma forma de imaginar e intuir que leva ao Outro, ao estranho, ao que há de universal no homem: a infâmia, a consciência especular, o irreal que habita o real, o real que oscila diante de seu próprio absurdo; são ainda universais as lutas, as armas, os lares, os desejos, e, finalmente, nossa irrefreável vontade. Especular sobre o tempo e sobre a especular realidade, escolher entre caminhos que se bifurcam, enfim, a temática e escrita borgiana, sua erudição e cosmopolitismo, suas enciclopédias, fazem dele um escritor cuja mensagem é universal, e, nesse sentido sim, imortal.*

## Referências

BORGES, Jorge Luis. **O elogio da sombra**. Trad. de Carlos Nejar. Porto Alegre: Globo, 1969a.

BORGES, Jorge Luis. **Nova antologia pessoal**. Trad. de M. Julieta Graña e Marly Moreira. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969b.

BORGES, Jorge Luis. **Perfis**: um ensaio autobiográfico. Trad. de Carlos Nejar. Porto Alegre: 1973.

BORGES, Jorge Luis. **5 visões pessoais**. Trad. de Cláudio Fornari. Brasília: UNB, 1979.

BORGES, Jorge Luis. **Discussão**. Trad. de Cláudio Fornari. 2. ed. SP: Difel, 1986a.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. Trad. de Carlos Nejar. 4. ed. Porto Alegre; Rio de Janeiro: Globo, 1986b.

BORGES, Jorge Luis. **História universal da infâmia**. Trad. de Flávio José Cardoso. 4. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

BORGES, Jorge Luis. **O Aleph**. Trad. de Flavio José Cardoso. SP: Globo, 2001.

Recebido em - Recieved in: 11/07/2004  
Aprovado em - Approved in: 22/09/2004